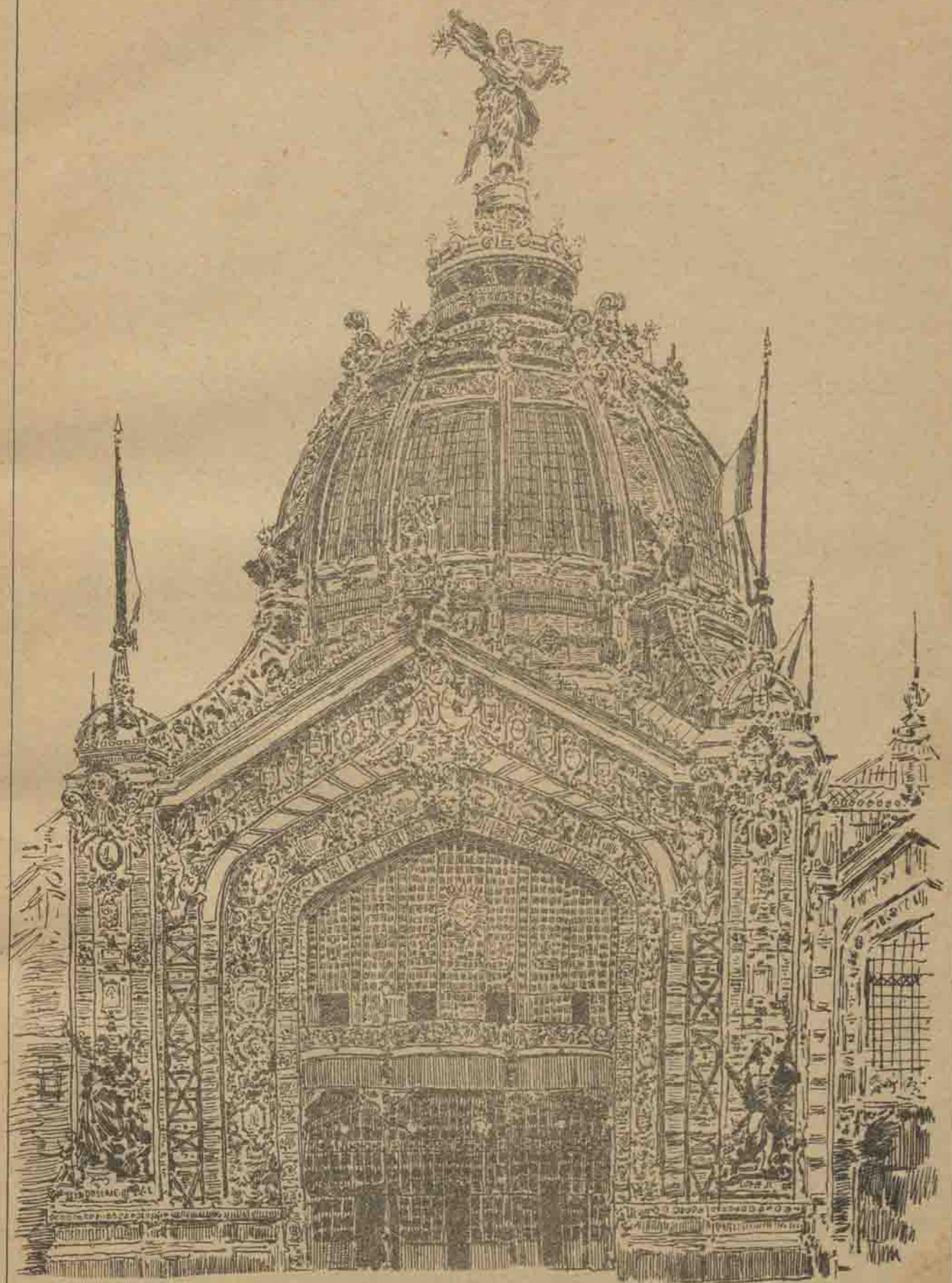
EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS



A cupula central dos edificios da exposição.

Nós e a Inglaterra

No precedente numero d'esta folha enunciei e julgo ter demonstrado uma these historica, nunca d'antes formulada, que me conste, por qualquer historiador ou philosopho, nacional ou estrangeiro. A these era esta : Que, sem Portugal, sem os grandes descobrimentos e conquistas dos Portuguezes, a Inglaterra não seria a formidavel potencia que é; seria apenas a nojenta ilha que sabemos, esse enorme borrão de lama e nevoeiro que ao Creador aprouve, quando escrevia o poema da creação terraquea, lançar sobre a face do Occano.

Hoje formularei outra these, egualmente historica, tambem não enunciada por qualquer publicista conhecido, e, comtudo, tão incontestavel, tão evidente como a primeira. Emquanto, porém, essa exprimia uma relação politica entre duas nações, a maior das quaes foi medrando e crescendo, secular e desmesuradamente, á custa da mais pequena, a nossa these de hoje exprime uma relação mais vasta e mais complexa, moral e social, entre a mesma Inglaterra e todas as nações do mundo civilisado. Expul-a em um livro recem-publicado, mas não póde ser mais opportuna a sua exposição n'esta folha popular.

Dir-se-hia que n'este nosso tempo, como durante a dissolução do Romano Imperio, a alma humana, acobardada pela ausencia de um ideal que lhe dê alento, á mingua da luz de uma esperança definitiva e consoladora, procura estontear-se, aturdir-se, pelo sensualismo, á similhança de um poltrão que se embebeda para atravessar de noite um logar ermo e mal afamado. E dir-se-hia, tambem, que por cada metro de via ferrea ou de fio telegraphico, estendidos sobre ou sob a face da terra, o nivel do ideal humano baixou kilometros.

Sim, está roto o equilibrio moral, sem o qual não póde haver sociedade. Dos dois polos da Verdade, o real e o ideal, por não sei que extranha derogação das leis naturaes, o fluido correu todo para o polo do real; e, funestamente, o magnetismo que deve presidir á estabilidade social, a suprema força que mantém unido, harmonico, vivo, todo o aggregado humano, cessou, deixou de funccionar.

Mas como chegou o mundo, como chegou a Europa, a similhante rebaixamento das consciencias, muito antes de volvido um seculo após o mais vasto, o mais generoso, o mais salutar movimento de espiritos de toda a historia: a Revolução?

Publicações recentes assignalam a influencia da plutocracia israelita sobre o moderno mundo christão, como sendo a causa efficiente do apodrecimento da civilisação contemporanea.

Será essa uma das causas, mas está bem longe de ser a principal, ao contrario do que affirma, entre outros, o aliás talentoso anti-semita francez Drumont, nos seus recentes livros: *La France juive*, *La fin d'un monde*.

Ha uma causa anterior, mais poderosa que a denunciada pelo pamphletario catholico, auxiliadora d'esta, a primeira e a mais forte de todas as causas *proximas* do phenomeno.

E' nada mais e nada menos que a influencia corruptora da civilisação britannica, utilitaria, egoista e materialista, triumphante no mundo inteiro.

Moralmente, ou immoralmente, (como eu disse no meu livro *Palmadas na pança de John Bull*,) o Anglo-Saxão não é senão o Carthaginez enxertado no Judeu. O grande historiador Michelet provou que, em todas as guerras seculares da Inglaterra com a França, esta generosa nação desembainhou sempre a espada por um nobre ideal, emquanto a patria de Falstaff combatia sempre por algum vil interesse. Ora, o sordido mercantilismo inglez, personificado no seculo passado em Pitt, guerreou encarniçadamente a Revolução por todos os meios, principalmente a poder de rios d'ouro. Mas não triumphou de vez em Waterloo. Foi só mais tarde que elle definitivamente venceu a Revolução, no seu proprio fóco, em Paris, com o advento da Burguezia em 1830.

E, no dia em que um Francez, o ministro Guizot, pronunciou aquella phrase não menos infame que estupida: *Enriquecei-vos!* a Revolução baqueou, o Ideal velou a sua face divina, o judaismo punico ou anglo-saxonio triumphou em Paris, por conseguinte no mundo.

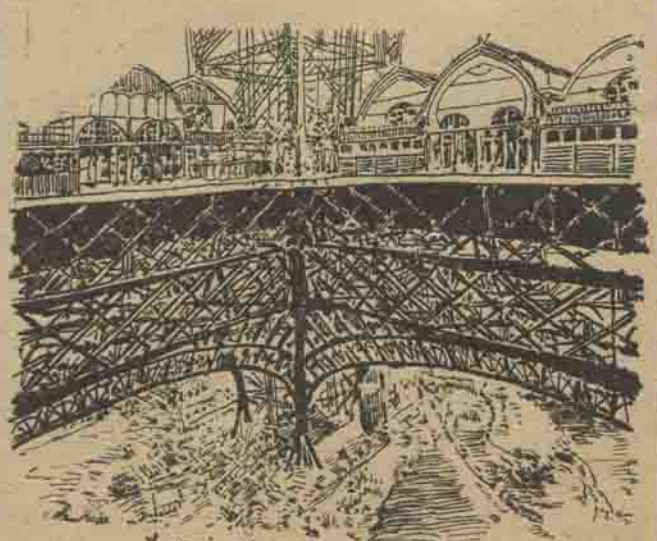
Concluâ nos, resumindo a these:

A Inglaterra é a maior causa proxima, a fonte e a origem de toda a corrupção moderna.

Só quando a Inglaterra se dissolver,—e esse dia não tarda,—como se dissolvem as nações malditas, só então a idolatria abjecta do bezerro d'ouro será renegada, a estatua de Baal, esse mythologico Falstaff, calcada aos pés, e a alma humana poderá alar-se outra vez ao zenith do ideal eterno.

FERNANDO LEAL.

TORRE EIFFEL



A PRIMEIRA PLATAFORMA.

Por ahi...

Introito

«..... então,
Correremos a cidade:
Uns que vem, outros que vão,
Acharemos á vontade
Onde mettamos a mão...»

NICOLAU TOLENTINO.

Leitora: e já v'rão agora
E o calor escarrapata-nos!
A cidade vae-se embora,
A gosar p'los campos fóra
Sombras de freixos e platanos.

Arde a politica em fragoas;
E a vêr-se as calmas debella
Vae p'ra a praia espalhar magoas.
—Oxalá, do mar as agoas,
Possam dar-lhe uma barrella..

Menos eu—e isso me doe—
Toda essa gente feliz,
Do paralta ao pé de boi,
Hade ir, ou vae, ou já foi
A' exposição de Paris!

De calor frouxos e bambos
Vamos ficar ambos nós:
Que havemos fazer nós ambos?
Eu, madrigaes? dithyruambos?
E tu, bordando a retroz?

Isso, acho pouco... Acho triste
Com o «aqui jaz» d'uma loisa...
—Se a vida em riso consiste,
Busquemos coisa com chiste,
Vamos fazer essa coisa...

Se te apraz e não desdoura
Andar só co'um bom rapaz,
Dá-me o teu braço, leitora,
E em breve hasde vêr, senhora,
Que bom passeio que faz...

Tens *lorgnon* de tal alcance
Que os telescopios offusca;
Sem que a vista se te cance
Pódes pois vêr de relance
Toda a Lisboa patusca.

Ha tanto caso imprevisto,
Tanto successo jocundo!
Tu, observas; eu registo...
—Não achando prazer n'isto,
Já não ha prazer no mundo!

Que o braço não mais me largas
N'esse passeio, te agoiro...
De riso em longas descargas
Hasde apertar as ilhargas
Se não — rebentas de estoiro!

Da Lisbia fazendo o estudo
Pouco a pouco, sem canceira,
Prometto mostrar-te tudo,
Do conselheiro sisudo
A' *cócote* galhofeira.

Vem, leitora, dá-me o braço
N'um passeio de improviso;
Anda, alegre e sem cançaço,
Apanhar a cada passo
Vinte pansadas de riso...

João Tarantula

Os dois Joões

(Veja-se o annuncio na capa.)

CERVEJA! CERVEJA!

O Abel, desde junho,
Não ha quem n'o veja
Senão, copo em punho,
Bebendo cerveja!

O padre Coitinho,
Na missa da egreja,
Em vez de agua e vinho
Só bebe cerveja!

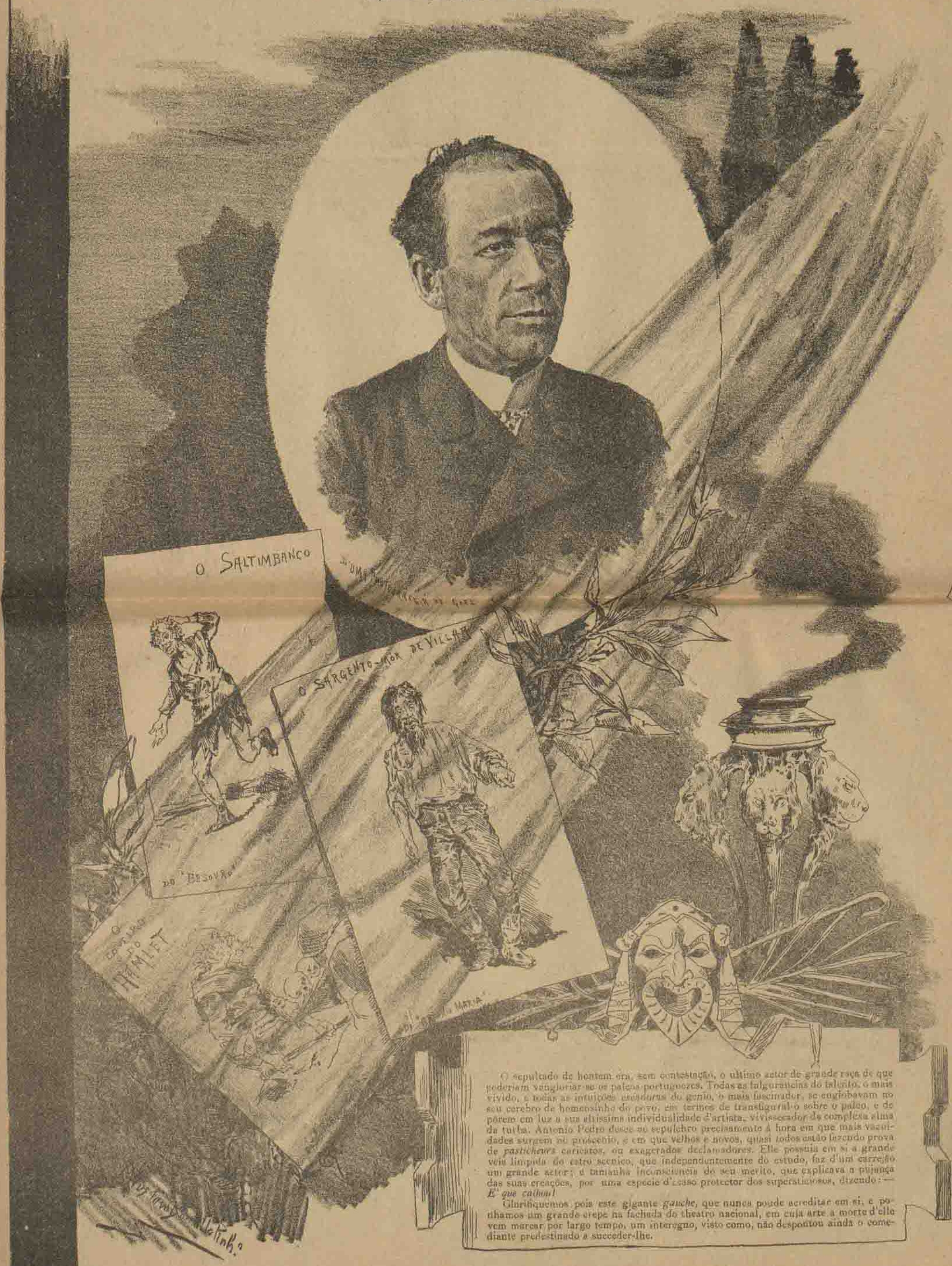
Menina da Baixa
Que borda e solfeja,
Já gosto não acha
Senão á cerveja!

O povo só pede
E o rei só deseja,
Morrendo de sede
Ter boa cerveja.

Ardendo de calma
Qual arde a carqueja,
Suspira minh'alma,
—Cerveja! cerveja!..

P'ra tal preferencia
Razão ha sobeja
Pois é de excellencia
Do *Feio* a cerveja!

ANTONIO PEDRO



O sepultado de hontem era, sem contestação, o ultimo actor de grande raça de que poderiam vangloriar-se os palcos portuguezes. Todas as fulgurancias do talento, o mais vivido, e todas as intuições *escaldantes* do genio, o mais fascinador, se engiobavam no seu cerebro de homemsinho do povo, em terthos de transfigural-o sobre o palco, e de pôrem em luz a sua altissima individualidade d'artista, vivissecador da complexa alma da turba. Antonio Pedro desce ao sepulchro precisamente á hora em que mais vaesuidades surgem no proscenio, e em que velhos e novos, quasi todos estão fazendo prova de *pasticheurs* caricatos, ou exagerados declamadores. Elle possuia em si a grande veia limpida do estro scenico, que independentemente do estudo, faz d'um carrejão um grande actor; e tamanha inconsciencia do seu merito, que explicava a pujança das suas creações, por uma especie d'acaso protector dos superaticiosos, dizendo: — *E' que calhou!*

Glorifiquemos pois este gigante *gauche*, que nunca poude acreditar em si, e ponhamos um grande crepe na fachada do theatro nacional, em cuja arte a morte d'elle vem marcar por largo tempo, um interegno, visto como, não despontou ainda o comediante predestinado a succeder-lhe.

De raspão...

Aos *tunos* que de passagem para Paris, vieram dar uma serenata ao Colyseu, desconfio não caiba tanto o titulo de *tunos*, como caberia talvez um outro, parecido, pela sem-ceremonia com que usurparam o nome d'estudantes que lhes não pertence.

De feito, a menos que a artes de barbear e pentear, de deitar tombas, de concertar loiça, de capar animaes e de cozer fundilhos, não tenham sido incluidas como faculdades, nas escolas superiores da capital de Hespanha, nada ha n'aquelle grupo de moços olheirentos, escanzelados, pencudos, fandanguentos e *sabidos*, que revele o estudante d'uma capital onde tudo tem caracter, mesmo os creados de servir e os ministros d'estado; e nada que os desnivele da tropa de coristas roucos, ambulantes, bohemios, que agora no verão percorrem as cidades maritimas de Hespanha, tocando castanholas, e pedindo *quartos* ás pessoas que achegam aos balcões.

Parte d'estes estudantes matritenses mesmo, já nós os temos visto ahi pelos cafés de *camareras*, de jaqueta e chapeu conico, contando ás duas horas da noite o dinheiro das gorgetas da Pacca e mais da Pura, e lançando pragas quando esse dinheiro não chega para pagar a cama da hospedaria, ou para a *vellada* de vinho quente, no Refilão.

Devemos entanto reconhecer que a Hespanha, no capitulo das fraudes, está por emquanto muito menos adeantada do que nós. Ella falsifica, por exemplo, vinhos, trinta vezes peor do que qualquer dos nossos merceeiros do Bairro Alto. Os charlatães que nos envia, com o pseudonymo de medicos, não valem o mais reles dos nossos tira dentes da feira da ladra. De tabaco picado não se falla: e tambem não de grandes homens: e d'estudantes finalmente, é melhor nem escolhermos para termo de comparação, os nossos capa-e-batinas do lyceu, mais cheios de caspa e myopia. Convençamo-nos pois de que toda esta grosseria de productos seja assim desdenhosamente tractada pelos falsificadores, a titulo d'exportação para o estrangeiro; e alvitremos que Madrid por certo havia d'esmerar-se mais nas falcatruas, se acaso em vez de pretender intrujar um portuguez, mirasse apenas rir á custa de povoações propriamente hespanholas, enviando lhes os seus estudantes-guitarristas, de contrabando.

Comnosco não vale a pena: e ahi temos agora em 1889, sob o *travesti* d'academicos, creaturas que encontrámos em 87 a frigir iscas, na travessa da Palha e adjacentes.

Ora, estas burlas são reles, por banda das emprezas theatraes que n'ellas collaboram; e o ministro hespanhol deveria pôr-lhes cobro, desmentindo os titulos que se arrogam as *tunas* que vem vêr-nos, e reduzindo-as simplesmente á sua condição de bandos precatorios. D'outro modo começamos a fazer uma ideia chinfrin da mocidade estudiosa da *outra metade* da Peninsula.

×

Passava ha dias pela Rua de Alexandre Herculano um rapazito, diz um jornal, conduzindo n'um cesto o jantar para o pae, trabalhador n'um predio d'aquelles sitios.

Um mariolão chegando-se ao rapaz, roubou-lhe o cesto, safando-se com a comida, e pespegando uma galheta inda por cima, nas ventas do portador.

—Hein? Não se póde fazer melhor allegoria aos processos actuaes do governar.

Vae uma pessoa, com o seu cabaz no braço, pela rua fóra, vem o governo.

—Deixa vêr o cabaz, que eu farei com que elle te venha depois cheio de viandas...

—Mas este cabaz é o jantar da minha familia...

—Não só da tua. Esse cabaz, meu amigo, é o jantar de toda a familia portugueza. Tu é que o ganhas, mas somos nos quem o comemos. E' necessario que tu repartas comnosco os teus recursos. E nós agora precisamos de dinheiro para tudo; para enviar mais uma centena de vadios á exposição, com quatro libras por dia; para quarteis, reformas de quadros administrativos, poucas vergonhas de todos os esquilates e condições... Larga o cabaz, bilontra!

—Isso não largo.

—Então apanha.

E em homenagem ás leis, tóca a levar lambada, e a ficar sem o cesto, sendo o peior da passagem terem os governantes a cobril-os, de seu lado, as parcialidades escandalosas do destino. Sob este ponto de vista, não ha como um mariola, p'ra ter sorte! Ainda não ha muito tempo, escapava o sr. Carnot a uma tentativa de regicidio. Agora é uma faisca electrica, que no dizer dos jornaes, cahiu ao pé do rei da Saxonia, sem lhe fazer mal algum.

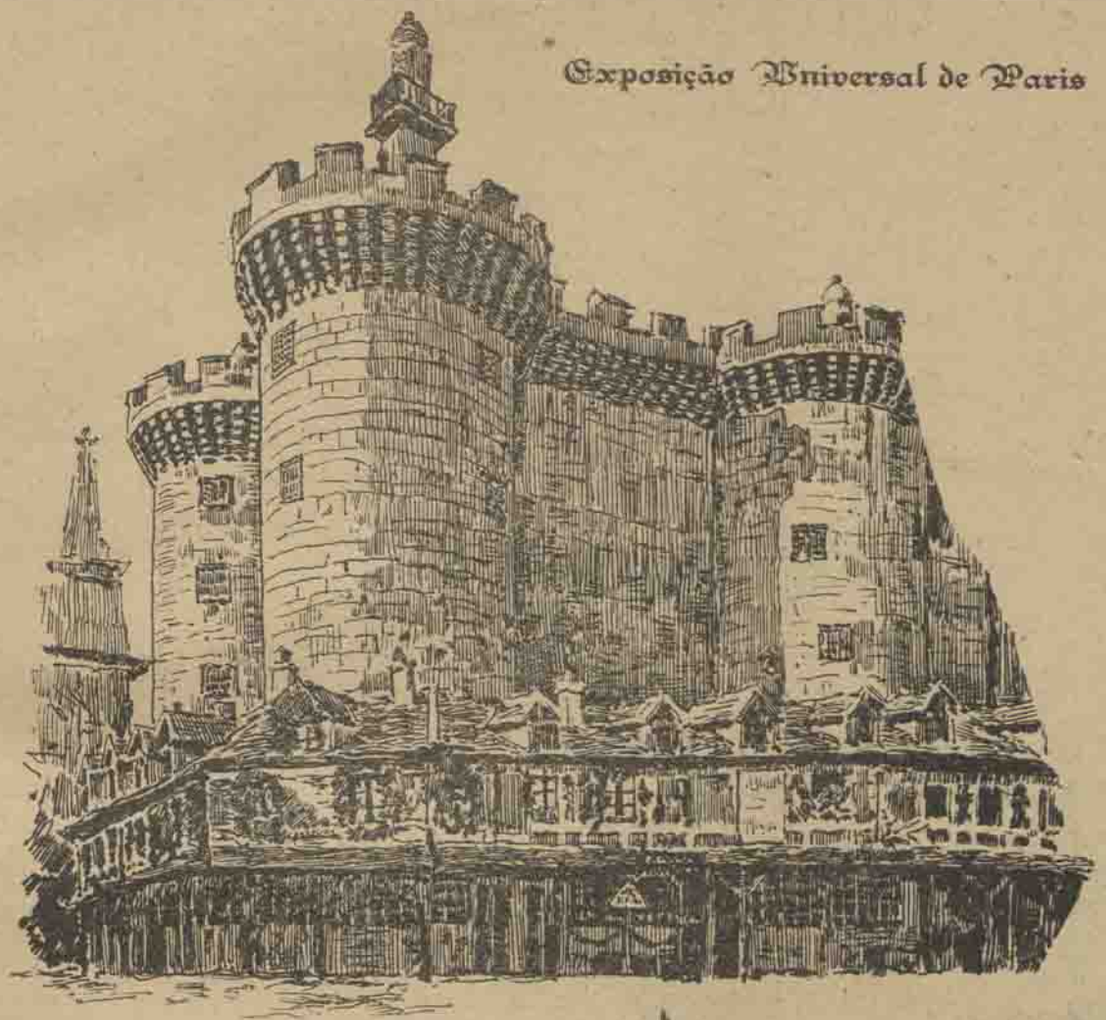
Oh estes reis! ainda esta para vir o primeiro raio que os parta!

E emquanto mandões authenticos, como os reis, disputam a *chance* inexplicavel d'escapárem á morte, não são menos felizes as rainhas de theatro, duas das quaes, a Amelia da Silveira e a Josepha d'Oliveira, acabam de partir para Paris, em viagem de prazer. Calculo a impressão que vão causar na capital franceza estas duas sphinges da galantaria lusitana, e a lastima dos grandes dramaturgos e vaudevillistas de França, por não saberem escrever peças de theatro, em lingua de Camões.

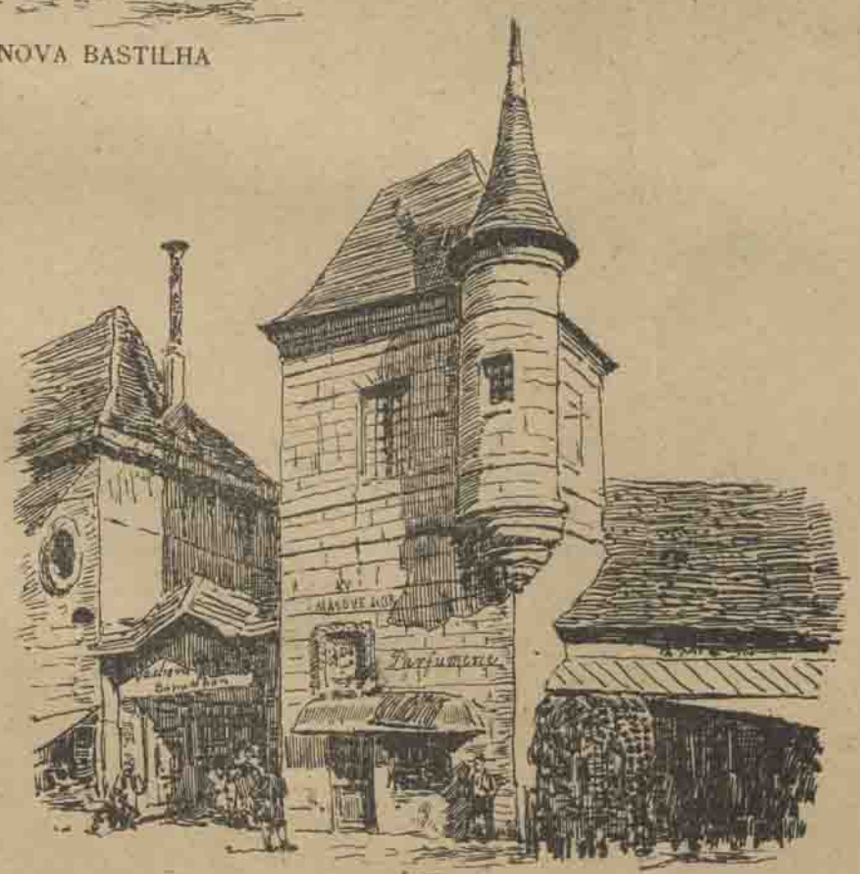
E' de suppôr que a colonia portugueza em Paris, que só no pedido de bilhetes de borla para a exposição, excedeu as de todos os paizes do mundo, incluindo a Russia, se apresse em proporcionar aos francezes, occasião d'applaudirem em scena aquellas duas desconsoladas e talentosas comediantes. Que apotheses vae ter, pelos boulevards de Paris, a formusura das nossas mulheres; e que longa serie *d'entrefilets* o *Gil Blas* não consagrará ás aventuras, aos ditos e aos *toilettes* das nossas duas amaveis viajantes! Por meu lado preparo-me a recolher quanto d'ellas se escreva, lá por fóra, o que me consolará talvez de não ter ido vêr a Exposição.

IRKAN

Exposição Universal de Paris



A NOVA BASTILHA



Esquina da rua de Saint-Antoine.

A «*Maison de la Tourelle*»

O LEÃO E O BURRO

(Fabula em tres vinhetas)

O leão Portugal caçando, por esse mundo fóra, Indios, Africanos, etc.— emquanto, de longe, o burro John Bull, magro, faminto, na estica, se baba de cobiça.

O burro John Bull devorando os supradictos Indios, Africanos, etc., caçados pelo leão Portugal, emquanto este fica a chuchar na garra.

Não se queixa dos fados; porém vendo
Vir o burro, animal de infima sorte,
«Ah, vil raça! (lhe diz) morrer não temo:
Mas soffrer-te uma injuria, é mais que morte!»